

HIPO E HIPERSEGMENTAÇÃO NA ESCRITA DE ESTUDANTES DO SEGMENTO I DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Rebeca Cerqueira Andrade de Alcântara
Centro Universitários Jorge Amado

1. INTRODUÇÃO

Saber onde começa e onde termina uma palavra, ou seja, traçar os limites entre uma palavra e outra, é uma atividade complexa para quem está em processo de aquisição da língua escrita. É frequente o surgimento de segmentações que fogem às normas ortográficas vigentes na escrita de crianças ou mesmo na de jovens e adultos que estão nesta fase de aprendizagem.

Neste trabalho, realizamos uma análise e descrição de dados representativos da escrita de jovens e adultos, em processo de aquisição da língua escrita, e temos por objetivos verificar de que forma ocorrem as segmentações não convencionais, hipo e hipersegmentação, e em que medida essas ocorrências indiciam a correlação entre a consciência metalinguística e a percepção de constituintes prosódicos.

Para isto, nossa metodologia é de natureza qualitativa, cujo método baseia-se na abordagem indiciária, proposta por Ginzburg (1989), na qual as amostras são tidas como indícios passíveis de generalizações, indícios desse movimento do escrevente em torno da escrita.

Observamos que há uma interferência tanto da escrita quanto da fala quando nos deparamos com as segmentações não convencionais, mas isso não quer dizer que esses dados sejam uma projeção da fala, necessariamente. Este fator aponta para percepção de constituintes prosódicos em que se organiza a fala, que os estudantes da EJA, em processo de aquisição da língua escrita, refletem em seus textos ao segmentar fora da norma ortográfica.

Utilizamos a teoria dos constituintes prosódicos de Nespor & Vogel (2007), constituintes relacionados em uma escala hierárquica, em que cada unidade prosódica é um constituinte imediato que expressa uma relação de dominância, ou seja, forte-fraco. Os princípios que regem a teoria dos constituintes prosódicos são:

Princípio 1. Uma determinada unidade não terminal da hierarquia prosódica, X^p , é composta por uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior, X^{p-1} .

Princípio 2. Uma unidade de um determinado nível da hierarquia é exaustivamente contida na unidade superior da qual faz parte.

Princípio 3. As estruturas hierárquicas da fonologia prosódica são ramificações enárias.

Princípio 4. A relação de proeminência relativa definida para nós irmãos é tal que a um nó é atribuído o valor forte (s) e a todos os outros nós são atribuídos o valor fraco (w). (NESPOR & VOGEL, p. 7, tradução nossa).

De acordo com esta teoria, X^p é um constituinte prosódico, como o enunciado, o sintagma prosódico, a palavra prosódica e X^{p-1} é o constituinte imediatamente inferior na hierarquia, como é o sintagma entoacional em relação ao enunciado, a sílaba para o pé e o pé para a palavra prosódica. Os constituintes prosódicos distribuem-se em sete níveis, do mais baixo ao mais alto nível na hierarquia prosódica, a saber: 1. sílaba (σ); 2. pé métrico (Σ); 3. Palavra fonológica (ω); 4. Grupo clítico (C); 5. Sintagma Entoacional (I); 6. Sintagma Fonológico (ϕ); 7. Enunciado (U).

Quanto à consciência metalinguística, separamo-la em consciência fonológica, lexical e sintática. Fazemos referência também à consciência epilinguística na escrita de estudantes em processo de aquisição da língua escrita.

2. O QUE É SEGMENTAÇÃO NÃO CONVENCIONAL

Silva (1994, p. 33) afirma que os dados de hipossegmentação são baseados em critérios prosódicos e semânticos, ocorrem em número bem maior que a hipersegmentação e que muitas propostas de segmentação são o resultado da tentativa de se representar graficamente a expressividade discursiva, através de estratégias de segmentação baseadas na fala. Nos textos observados por Silva (1994, p. 36), as crianças tendem a hipossegmentar: um clítico a uma palavra. Ex.: “... io rato fico nameia”; e grupos de dois ou mais vocábulos. Ex.: “... não ãova espérepomi”.

Quanto aos aspectos de prosódia, Silva observou que as unidades hipossegmentadas de sua análise resultam da percepção do que seria a pronúncia de Grupos Tonais – unidade rítmica, entoacional e, portanto, uma unidade de significação. Representa, pois, uma unidade de informação transmitida pelo falante (SILVA, 1994, p. 40) – e Grupos de Força da

linguagem – segundo Mattoso Câmara Jr. (1977, p. 132), é composto de um sintagma de dois ou mais vocábulos que constituem, numa frase, um conjunto fonético significativo, enunciado sem pausa intercorrente e subordinado a um acento tônico predominante, que é o do vocábulo mais importante do grupo. Mattoso Câmara Jr. subdivide o Grupo de Força em: (a) de um substantivo com seus adjuntos, (b) de um verbo com seu pronome-sujeito, e (c) de um verbo com seu complemento essencial, dentre tantas outras formações.

Já em relação à hipersegmentação, Silva (1994, p. 36) constatou que as crianças observadas hipersegmentam: uma sílaba de um vocábulo. Ex.: “io gato fico ne vozo” e “o gato fico e sapado”; ou todas as sílabas de um vocábulo. Ex.: “A gata a ca bou ca rata”.

Algumas vezes, as sílabas resultantes das hipersegmentações se assemelham a artigos, preposições, conjunções, etc. Ex.: “io gato fico ne vozo”; “vamos em pora Lili”; “a Vivi a mava o Fábio”. De acordo com Corrêa (2004) há dois tipos de imaginário, que são os indícios dialógicos, que o aprendiz cria em torno de sua escrita: aspectos de prosódia e de convenções ortográficas. Para o aspecto da convenção ortográfica, constatou-se o critério morfológico como sendo o principal norteador utilizado para construções de hipersegmentação.

Oliveira (2005) observou particularidades na escrita de alguns informantes do seu *corpus* analisado. Buscou compreender os critérios utilizados pelos negros africanos e afro-descendentes no Brasil do século XIX para a segmentação não convencional de palavras. O autor constatou que, no caso das hipossegmentações, estas ocorrem com mais frequência quando estão em causa artigos, conjunções, preposições, ou seja, palavras funcionais.

Capristano (2007, p. 11) explica que a segmentação escrita não convencional está associada à relação indevida, mas necessária, que a criança faz entre a fala e a escrita. As crianças, segundo a autora, e aqui se fazem uma extensão aos adultos, ou seja, os aprendizes, quando constroem segmentações não convencionais, estão tentando representar aspectos de sua fala como os grupos tonais e/ou saliências fônicas. Baseia-se na hipótese de que as segmentações não convencionais são o resultado do “como” os aprendizes imaginam a escrita, isto é, representam as tentativas de “acertar” na convenção.

Por trás das segmentações não convencionais estão os critérios de hierarquia prosódica influenciando nas decisões de colocar espaços em branco nas palavras (cf. ABAURRE, 2006, p. 8). Segundo Abaurre, as escolhas de segmentação não convencional podem partir de sua percepção de determinados domínios da hierarquia prosódica a partir da qual o escrevente organiza sua fala.

2.1 TEORIA DOS CONSTITUINTES PROSÓDICOS

De acordo com a *Strict Layer Hypothesis*, que é a teoria que rege os constituintes prosódicos, uma unidade de um dado nível da escala prosódica deve estar exaustivamente contida no nível superordenado do qual faz parte. Cada constituinte prosódico é uma unidade composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior. Veja-se a escala prosódica hierárquica, do maior ao menor constituinte e seus domínios subsequentes:

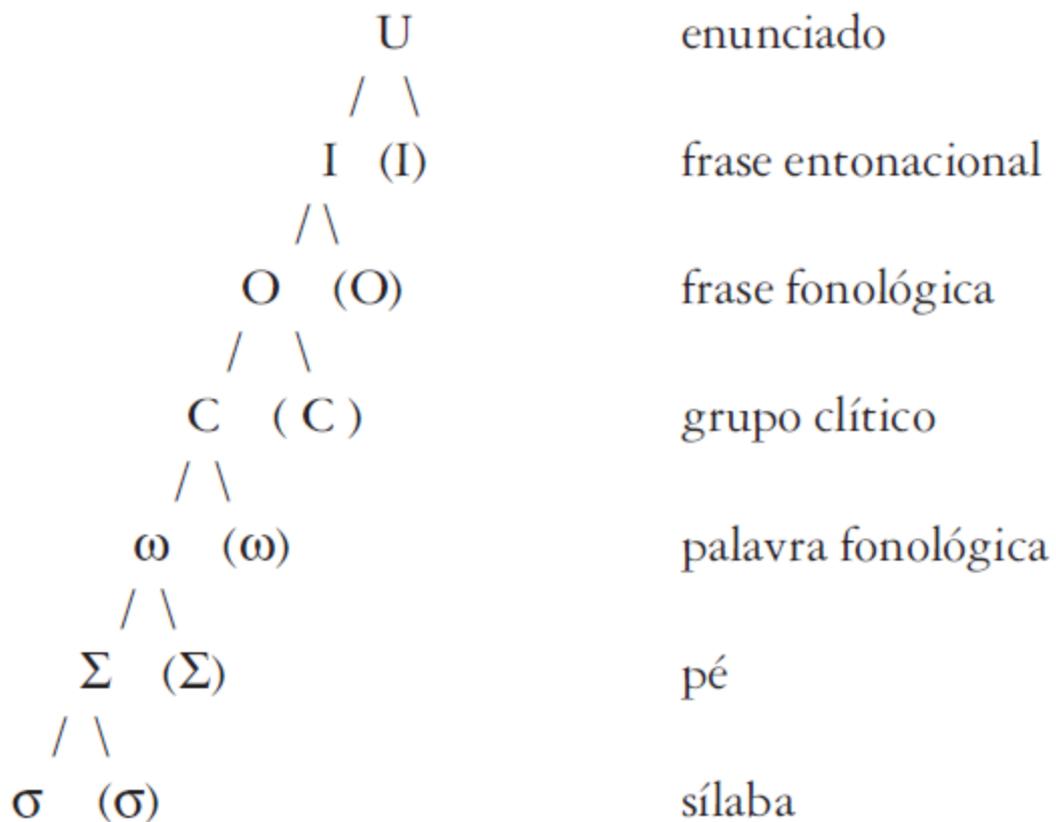


Figura 1: Escala prosódica (extraída de BISOL, 2004, p. 60)

Seguindo a teoria dos constituintes prosódicos, proposta por Nespor & Vogel (2007), abaixo tem-se a definição dos constituintes da hierarquia prosódica, do menor ao maior constituinte da escala:

1. Síllaba – menor unidade na hierarquia dos constituintes prosódicos. De acordo com Abaurre (2006, p. 8), a síllaba serve de *locus* para a organização dos segmentos, pois é a partir de sua combinação, no domínio prosódico imediatamente superior, que se constituem os pés, *locus* da alternância acentual que define o ritmo linguístico. Na síllaba, o forte é a rima e o

fraco é o ataque. A sílaba possui uma estrutura interna não linear de constituintes, em que sua sintaxe interna (máxima) é a seguinte:

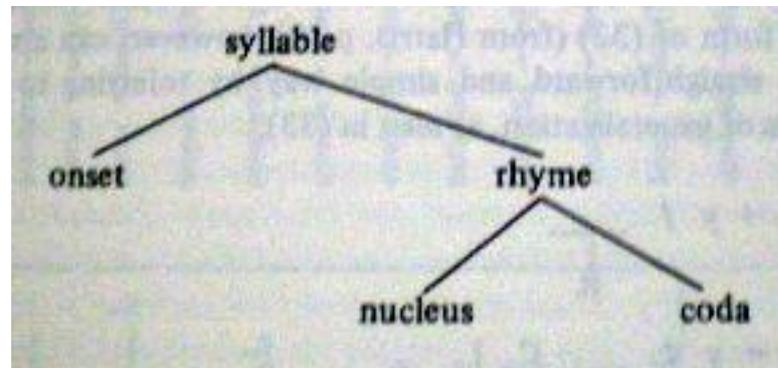


Figura 2: Estrutura silábica (extraída de NESPOR & VOGEL, 2007, p.73)

O *onset* é o que chamamos de ataque silábico, e é formado pela consoante ou pelo grupo consonantal inicial que precede a vogal, e a *rhyme* (rima) é formada pela vogal e pelo restante da sílaba. Por exemplo, na palavra “mar”, o *onset* é “m” e a rima é composta pelo núcleo “a” e pela coda “r”. A primeira sílaba da palavra “branco” possui no *onset* “b” e “r” e em sua rima o núcleo “a” e a coda “n”.

Exemplos de percepção dos constituintes silábicos estão na escrita de textos infantis, extraídos dos *corpora* de Abaurre (2006, p. 8): “ao” (para a palavra “gato”); “ii” (para a palavra “xixi” e “oiga” (para “borboleta”).

2. Pé métrico – é o constituinte que domina a sílaba e constitui-se pela combinação de duas ou mais sílabas, em que há um “cabeça”, a sílaba forte, que é acentuada, acompanhada de outras sílabas fracas. Os pés métricos combinam-se para formar a palavra fonológica. De acordo com Nespor & Vogel (2007, p. 84):

Em termos gerais, a estrutura de um pé pode ser caracterizada como composta por uma sílaba forte e outras fracas dominadas por um único nó. [...] Como Hayes (1981) mostrou, com base em uma análise de um grande número de línguas, no entanto, existem restrições muito fortes sobre o agrupamento de sílabas em pés em um determinado idioma. Ou seja, uma língua pode tanto ter os pés binários, compostos por duas sílabas cada um, ou os pés sem limites, composto de qualquer número de sílabas. Em casos excepcionais, as línguas com pés binários também podem ter os pés ternários, embora essa opção seja marcada e as posições em que os pés ternários podem ocorrer tendem a ficar bastante limitadas. Um último tipo de pé que também pode ser como uma estrutura marcada é um pé de sílaba “degenerada”.

São exemplos de pés métricos na escrita infantil (ABAURRE, 2006, p. 8): “sero mano”, ao invés de “ser humano”; “cata puta” (para “catapulta”); “cala bolso” (“calabouço”) e “derre pente” (para “de repente”).

3. Palavra fonológica – é o constituinte que domina o pé métrico e todos os pés de uma sequência. Na palavra, o forte é a sílaba acentuada com projeção para o pé métrico e a parte fraca são as sílabas não acentuadas. (cf. BISOL, 2004, p. 61). O elemento fundamental da palavra fonológica é o pé métrico, pois é ele quem determina o acento. Sílaba e pé métrico são, pois, os elementos constitutivos da palavra fonológica. Vejam os exemplos da autora abaixo que ilustram de que forma os elementos da palavra fonológica se apresentam:

bor.bo.le.ta	pa.re.de	co.ro.nel	lam.pa.<da>	Sílaba
(* .) (* .)	(* .)	(* .) (*)	(* .)	Pé
(*)	(*)	(*)	(*)	Acento

Quadro 1: Elementos constitutivos da palavra fonológica (extraído de BISOL, 2004, p. 61)

Bisol (2004, p. 61) marca na primeira linha do quadro acima, as **sílabas** das palavras segmentadas por ponto; na segunda, marca o **pé métrico** com um asterisco na sílaba forte e um ponto na fraca; e na última linha, marca o **acento** da palavra com asterisco. A sílaba final atrai o acento em palavras acabadas em sílaba ramificada, como em “lâmpada”. Em palavras terminadas com sílaba leve, forma-se um pé binário de cabeça à esquerda, ou chamado de pé troqueu. **Palavra fonológica** se define por sua constituição prosódica, com o ritmo (sílabas, pé métrico e apenas um acento primário). (BISOL, 2004, p. 66). Enquanto isto, a **palavra morfológica** relaciona-se com o significado.

Nespor & Vogel (2007, p. 141, tradução nossa) apresentam todas as possibilidades de expressar a definição geral de palavra fonológica (ω):

Domínio da ω [palavra fonológica]

- A. O domínio da ω é uma árvore sintática ou
- B. I. O domínio de uma ω consiste de
 - a. uma raiz;
 - b. algum elemento identificado por um critério fonológico específico ou por um critério morfológico;
 - c. algum elemento marcado por um diacrítico [+W].

II. Alguns elementos soltos dentro da parte da forma sintática da parte fechada da palavra fonológica adjacente com sua raiz; se não existe ω , esses elementos formam uma ω por conta própria.

Mattoso Câmara Jr. (1971, p. 34), em *Problemas de Lingüística Descritiva*, elabora um capítulo para tratar do vocábulo em português. Chama-nos a atenção para o problema na definição de vocábulo, que, na escrita, corresponde a um conjunto de letras que fica entre dois espaços em branco; já no âmbito da fala, possui duas entidades diferentes: o **vocábulo fonológico**, que corresponde a uma divisão espontânea na cadeia da emissão vocal; e o **vocábulo mórfico**, o qual ocorre quando um segmento fônico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído. Nem sempre os dois vocábulos coincidem, apesar de haver correspondência entre as duas entidades.

Os espaços em branco na nossa escrita não indicam a interrupção de emissão vocálica na língua oral. Por isto, as pausas que marcam uma divisão acima dos vocábulos são os grupos de força. Desta forma, por exemplo, entre um substantivo como “campo” e seu adjetivo qualificador “aberto” não há pausa ao pronunciar “campo aberto”, formando um vocábulo fonológico pelo processo de elisão da coda silábica da primeira palavra e ressilabificação da primeira sílaba da segunda palavra.

A força de emissão das sílabas chama-se acento. Tônica é a sílaba forte, indicada pelo número 3. As demais sílabas de uma palavra são átonas, mas com debilidade diversa de emissão: as pretônicas tem força 1, as postônicas e átonas finais possuem força 0. No grupo de força, somente a tônica do último vocábulo fonológico mantém o acento máximo 3. A sílaba de cada um dos vocábulos precedentes fica com acento mais atenuado, indicadas por 2 e são subtônicas.

Para a palavra “habilidade”, a pauta prosódica é identificada da seguinte forma¹:

a	bi	li	da	de
1	1	1	3	0

Quadro 2: Pauta prosódica da palavra “habilidade”

Já nas palavras “hábil” e “idade”, tem-se a seguinte pauta prosódica a qual identifica uma palavra fonológica:

a	bi	li	da	de
---	----	----	----	----

¹ Exemplos extraídos de Câmara Jr. (1971, p. 36).

2	0	1	3	0
---	---	---	---	---

Quadro 3: Pauta prosódica das palavras “hábil” e “idade”

Diante dessas duas pautas prosódicas, pode-se observar que não há isomorfia entre a palavra fonológica e a palavra prosódica (cf. NESPOR & VOGEL, 2007, p. 109-110).

Quanto ao **tamanho da palavra fonológica**, Nespors & Vogel (2007, p. 110) afirmam que somente há duas dimensões, ou igual ou menor. Realizam pesquisa com o grego (p. 110-5) e o latim (p. 115-7) e concluem que essas línguas possuem isomorfia e o acento principal aplica-se da mesma forma em palavras simples, derivadas e compostas e os dois membros de um composto pertencem ao mesmo domínio prosódico, formando uma só palavra fonológica. A palavra fonológica pode ter três tamanhos: igual a sua contraparte morfológica, menor ou maior (cf. também BISOL, 2004, p. 69).

As **funções da palavra fonológica**, segundo Booij (1983, p. 270-1 apud BISOL, 2004, p. 65), são três: i. a palavra fonológica é portadora de relações de proeminência. Exemplo da palavra “porteiro”:

por.	tei.	ro
	s	w
	\	/
w		s
\		/
	⊖	

Quadro 4: Relações de proeminência da palavra fonológica (extraído de BISOL, 2001, p. 65)

- (i) é domínio de aplicação de regra fonológica. Em português, a palavra fonológica é o domínio das regras de neutralização, de harmonia vocálica, abaixamento datílico, etc;
- (ii) a palavra fonológica é o domínio de restrições fonotáticas, pois há línguas que não aceitam monossílabos como palavra fonológica e há aquelas que impõem um esqueleto rítmico. No português brasileiro, palavras monossilábicas têm como identificador do esqueleto rítmico a palavra prosódica.

A **palavra fonológica** pode ser vista como:

- (i) Um expoente de proeminência relativa em virtude da relação sintagmática de seus membros;
- (ii) Uma entidade rítmica em virtude da organização métrica de suas sílabas;
- (iii) Um domínio de regras.

Quanto ao **domínio de regras da palavra fonológica**, Bisol (2004, p. 69) nos informa que

1. as **neutralizações** são as regras mais citadas sob este domínio, pois dependem do grau de atonicidade da sílaba:
 - (i) a que converte o sistema de sete vogais para cinco, por perda de distinção entre médias e é visível na pretônica: “belo” > “beleza”; “sol” > “soaço”;
 - (ii) a que anula a vogal média, reduzindo o sistema de átona final a três vogais: “verde” > “verdi”; “bolo” > “bolu”.
2. a **harmonização vocálica**, também sob o domínio da palavra fonológica – realizada pela elevação da vogal pretônica pela presença de uma vogal alta, somente se aplicando em sílabas átonas, sem atravessar fronteiras – é uma regra de aplicação variável, mas generalizada nas variedades do português brasileiro. Exemplos: “pepino” > “pipino”; “coruja” > “curuja”.
3. o **abaixamento datílico** – “esqueleto” > “esquelético” – e o **abaixamento espondeu** – “dócil” > “docilidade”, “repórter” > “reportagem” estabelecem uma relação entre a sílaba acentuada e sem acento. A sílaba acentuada atua sobre as proparoxítonas e as não acentuadas em paroxítonas terminadas em consoante, pressupondo um condicionamento prosódico que é a sílaba tônica.
4. A inserção de um **glide** para evitar hiato, como em “área” > “areia”, ocorre quando a primeira vogal é acentuada. Essa é uma regra dentro do domínio da palavra. Porém quando há quebra de hiato por conversão de uma das vogais em glide, pode ocorrer dentro de palavra como em “diabo” > “djabo” e “teatro” > “tjatro” assim como entre palavras: “este arco” > “estjarco”, “vende ameixas” > “vendjameixas”.

Vejam-se exemplos de percepção de palavra fonológica na escrita infantil (ABAURRE, 2006, p. 8): “deouro” (“de ouro”); “umdia” (“um dia”); “apata” (“a pata”); “sesauvar” (“se salvar”) e “quera”/“quiera” (“que era”).

4. Grupo clítico – ocorre quando a palavra fonológica se combina com um clítico. Sobre os clíticos, Câmara Jr. (1969, p. 36) afirma que “as pessoas mal alfabetizadas de hoje e os copistas medievais, escrevendo *olivro, sefala, falasse*, sem espaço em branco, estão adotando um critério fonológico”.

Bisol (2004, p. 62) declara que o clítico não é uma forma livre, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente, mas também não é uma forma presa, pois entre ele e a palavra em que se apóia outras palavras podem intercalar-se. Por isto, o grupo clítico é classificado como uma forma dependente e é analisado como palavra fonológica. Já as palavras compostas, como “guarda-chuva”, são vocábulos fonológicos e um só vocábulo mórfico, segundo Mattoso Câmara Jr. (1969, p. 37).

A prosodização do grupo clítico no nível da palavra corresponde ao que defende Mattoso Câmara Jr., ou no nível subsequente da escala prosódica, proposta por Nespor & Vogel (2007), ou ainda no nível da frase, mostram que, quanto aos clíticos, da mesma forma que quanto aos compostos, as línguas particulares têm de ser ouvidas, pois há comportamentos diversificados. Há autores que contra-argumentam quanto à definição do grupo clítico, como Selkirk (1984), Peperkamp (1997) e Vigário (2001). (cf. BISOL, 2004, p. 63).

Nespor & Vogel (2007, p. 149, tradução nossa) são a favor da inclusão do grupo clítico como um constituinte prosódico em posição intermediária na escala prosódica, situado entre a palavra fonológica e o sintagma fonológico, pois a primeira agrupa afixos ao cabeça lexical e o segundo agrupa palavras a palavras. As autoras, ao citar o trabalho de Hayes, exemplificam com dois casos de grupo clítico como domínio de regras: a regra do **sândi vocálico** e da **palatalização** no inglês:

[...] o grupo clítico é o domínio de aplicação da exclusão da vogal e da regra da palatalização do /s/ e do /z/ em inglês. A primeira regra tem o efeito de excluir uma vogal da palavra final diante de um segmento [-silábico] em certos itens lexicais. As regras se aplicam, contudo, somente se as duas palavras envolvidas pertencerem ao mesmo grupo clítico. (NESPOR & VOGEL, 2007, p. 149-150, tradução nossa).

São exemplos das autoras nos quais no primeiro há aplicação do sândi vocálico (v-Deletion), pois o apagamento de /v/ antes do segmento [-silábico] da palavra “me”, em fala rápida, se dá apenas quando as duas palavras pertencem ao mesmo grupo clítico. Entretanto, no segundo exemplo não se aplica a regra de formação de grupo clítico:

[Please](C) [**leave me**] (C) [alone](C), mas não ocorre em:

[Please](C) [leave] (C) [Maureen] (C) [alone] (C)

Nespor & Vogel (p. 154) informam como se forma um grupo clítico e como se dá sua construção:

Formação do Grupo Clítico

I. Domínio do C [group clitic]

O domínio do C [grupo clítico] consiste em uma ω [palavra fonológica] que contém uma palavra independente (ou seja, um não clítico), bem como contém qualquer ω adjacente:

a. um DCL [clítico direcionando clítico], ou

b. um CL [clítico tout court (curto)] tal que não há acolhimento possível, com o qual compartilhe mais associações da categoria.

II. Construção de um C

Junte-se a uma ramificação enária de C todas as ω s [palavras fonológicas] incluídas em uma sequência delimitada pela definição do domínio de C.

Há mais de uma regra que se aplica ao sândi vocálico (v-Deletion) em inglês, que pode tanto ser aplicada ao grupo clítico quanto à palavra fonológica. No grego e no latim, como pesquisaram Nespor & Vogel (2007), o grupo clítico é um constituinte prosódico importante. Entretanto, Peperkamp (1997) demonstrou em línguas como a haússa e o bantu que não há lugar para o grupo clítico.

5. Sintagma fonológico – constitui-se de um ou mais grupos clíticos ou mesmo palavras fonológicas, integrando tanto informação fonológica quanto sintática. Possui um cabeça lexical, que pode ser nome, adjetivo, verbo ou advérbio, e todos os elementos diretamente relacionados ao “cabeça” lexical do lado esquerdo, no caso do português. Nespor & Vogel (2007, p. 168, tradução nossa) apresentam a formação do sintagma fonológico, a saber:

I. Domínio do ϕ [phonological phrase]

O domínio do ϕ consiste de um grupo [clítico] C, que contém um cabeça lexical (X) e todos os Cs do seu lado não-recursivo até o C, que contém outra cabeça para fora da projeção máxima de X.

II. *Construção do ϕ*

Junte-se a uma ramificação enária de um ϕ todos os Cs incluídos em uma sequência delimitada pela definição do domínio de ϕ

III. *Proeminência relativa de um ϕ*

Em línguas cujas árvores sintáticas são ramificações à direita, o nó mais à direita do ϕ é rotulado s [forte]; em línguas cujas árvores sintáticas são de ramificação à esquerda, o nó mais à esquerda do ϕ é chamado de s [forte]. todos os nós irmãos de s são rotulados w [fracos].

Abaurre (2006, p. 8) apresenta alguns exemplos extraídos da escrita infantil de percepção de sintagmas fonológicos: “probepato” (“pobre pato”); “votefona” (“vou telefonar”); “todumudo” (“todo mundo”) e “mutoepêto” (“muito esperto”).

6. Sintagma entoacional – constitui-se de um ou mais sintagmas fonológicos e é delimitado por pausa na emissão sonora (cf. NESPOR & VOGEL, 2007, p. 188). Há integração de componentes fonológicos com sintáticos e semânticos. Exemplos de alguns contornos entoacionais (extraídos de NESPOR & VOGEL, 2007, p. 188):

- i. Expressões parentéticas: *Lions [as you know] (I) are dangerous.*
- ii. Orações relativas não restritivas: *My brother [who absolutely loves animals](I) just bought himself an exotic tropical bird.*
- iii. Question tags: *That's Theodore's cat [isn't it?] (I)*
- iv. Vocativos: *[Clarence](I) I'd like you to meet Mr. Smith.*
- v. Interjeições: *[Good heavens](I) there's a bear in the back yard.*
- vi. Modificador apositivo do nome: *They are so cute [those Australian koalas] (I)*
- vii. Elementos deslocados: *[As you know] (I) Isabelle is na artist* ou
Isabelle [as you know] (I) is na artist ou
Isabelle is [as you know] (I) an artist ou mesmo
Isabelle is an artist [as you know] (I).

A sensibilidade das crianças, ao segmentar fora da convenção o sintagma entoacional, é observada na escrita hipossegmentada de exemplos extraídos de textos infantis (ABAURRE, 2006, p. 8): “ela ficou contente” (“ela ficou contente”) e “já está comendo” (“já está comendo”).

7. Enunciado – é o constituinte mais alto na hierarquia prosódica e domina um e/ou mais sintagmas entoacionais. É uma estrutura frasal completa, em que informações de conteúdo fonológico, sintático, semântico e pragmático estão integradas.

Abaurre (2006, p. 8) traz um exemplo de escrita infantil hipossegmentada de um enunciado inteiro: “o coelhoviumatrelacadetia chouatrelamuitobonitaelevouparsuacasa” ao invés de (“O coelho viu uma estrela cadente, achou a estrela muito bonita e levou para sua casa”).

Segundo Nespor & Vogel (2007, p. 221-2, tradução nossa), o Enunciado fonológico (U) é delimitado pelo começo e pelo final de um constituinte sintático X^n . Consiste, pois, naqueles sintagmas entoacionais (I) que são dominados pelo mesmo nó do X^n da árvore sintática. Exemplo das autoras de U:

[[*My cousin*]_I [*collects snakes*]_I [*Gertrude*]_I [*prefers butterflies*]_I] U ou mesmo em:

[[*My cousin*]_I [*collects snakes*]_I]_U [[*Gertrude*]_I [*prefers butterflies*]_I] U

Só não podem ser de domínio do U as delimitações abaixo:

*[[*My cousin*]_I [*collects snakes*]_I [*Gertrude*]_I]_U [*prefers butterflies*]_I] U ou mesmo em:

*[[*My cousin*]_I]_U [*collects snakes*]_I [*Gertrude*]_I [*prefers butterflies*]_I] U

2.2 CONSCIÊNCIA METALINGUÍSTICA

As habilidades envolvidas no desenvolvimento da competência metalinguística, relacionadas ao processo de aquisição da língua escrita, são de três tipos, a saber: consciência fonológica, consciência lexical e consciência sintática. (BARRERA, 2003, p. 69-86).

A competência epilinguística é um comportamento espontâneo, em que as capacidades linguísticas são fundadas sobre conhecimentos mentalizados e intencionalmente aplicados, como a correção da sintaxe de uma frase, que é um processo metalinguístico. Em outras palavras, o comportamento epilinguístico se caracteriza por atividades que se assemelham ao

comportamento metalinguístico, porém são efetuadas sem controle consciente, enquanto que as atividades metalinguísticas são intencionais e refletidas.

Barrera (2003, p. 69) define **consciência fonológica** como “habilidade em analisar a linguagem oral de acordo com as suas unidades sonoras constituintes”. Este termo, segundo a autora, tem sido empregado para se referir à habilidade da criança seja para realizar julgamentos de características sonoras das palavras ou para isolar e manipular fonemas e outras unidades suprasegmentais da fala, como sílabas e rimas. Essa habilidade tem grande importância no domínio da escrita alfabética, pois é uma aprendizagem que supõe a associação entre grafemas e fonemas.

Abaurre e Silva (1993) citam pesquisas que mostram que as estratégias de segmentação da linguagem podem estar relacionadas à dificuldade que as crianças têm, na fase da pré-escola, em separar a linguagem da realidade. Ferreiro e Teberosky (1999) sugerem que as crianças pré-escolares não esperam encontrar transcritas todas as palavras de um enunciado, pois, inicialmente elas interpretam a escrita como uma forma particular de representação (hipótese do nome), estabelecendo correspondência entre a quantidade de palavras à quantidade de referentes do enunciado. Além disso, para quem está aprendendo a escrever é necessário que tenha mais de uma letra para que algo seja escrito e que possa ser lido, e isso dificulta a percepção dos artigos, pronomes, preposições como palavras autônomas. Ou seja, palavras que desempenham funções sintáticas e relacionais apresentam maiores dificuldades por aprendizes que ainda não iniciaram a aprendizagem formal da escrita. (cf. BARRERA, 2003, p. 78-9).

Quanto à **consciência lexical**, trata-se da habilidade para segmentar a linguagem oral em palavras, tanto aquelas que têm função semântica, ou seja, que possuem significado independente do contexto, quanto aquelas com função sintático-relacional, cujo significado é adquirido no contexto, como as conjunções, preposições, enfim, as palavras funcionais.

Em relação à **consciência sintática**, Barrera (2003, p. 81) a define como sendo “[...] a habilidade do indivíduo para refletir sobre, e manipular mentalmente, a estrutura gramatical das sentenças”. Ainda que a relação entre consciência sintática e aquisição da língua escrita esteja confirmada por diversas pesquisas, não se sabe exatamente como este fenômeno relacional se processa. Barrera (2003, p. 85) apresenta os resultados do trabalho de Tunmer (1987), e de outros pesquisadores, que propõem serem os conhecimentos sintáticos e semânticos do leitor alçados quando os conhecimentos fonológicos e ortográficos não se

mostram suficientes para operar com palavras que resistem às sucessivas operações de codificação, o que indica haver uma relação complementar entre nossas habilidades fonológicas e sintáticas.

3. METODOLOGIA

Utilizamos em nossa pesquisa a abordagem qualitativa, cujo aporte teórico baseia-se no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). O método indiciário é baseado em indícios, vestígios que são deixados como pistas no objeto analisado. Ginzburg (1989) relacionou, para a construção deste paradigma, três autores: **Morelli** (que tratou de observar os indícios nas pinturas, evidenciando as obras verdadeiras e falsas, a partir da análise dos pormenores e detalhes); **Conan Doyle**, autor do detetive Sherlock Holmes (personagem que desvendou mistérios de crimes, partindo da observação dos vestígios deixados pelos criminosos) e **Freud** (com o estudo da psicanálise, mostrando o caráter individual e revelador que estão no inconsciente de cada indivíduo).

Trata-se de uma pesquisa realizada em uma escola municipal de Salvador – BA, pertencente à Coordenadoria Regional Orla. Para a análise das segmentações não convencionais, coletamos algumas produções textuais de estudantes do Seja I, Estágio I, feitas a partir de atividades solicitadas pela professora regente. Elaboramos quadros apresentando apenas as ocorrências de nosso objeto de estudo. Os nomes dos sujeitos da pesquisa foram extraídos a fim de resguardar-lhes a identidade.

4. HIPO E HIPERSEGMENTAÇÃO: OS DADOS

Selecionamos cinco atividades realizadas em sala de aula, pelos estudantes e solicitadas pela professora regente. As produções textuais variam quanto ao gênero: uma receita, um texto opinativo, um texto com a descrição de um evento, a elaboração de um cardápio escolar, e a escrita de um bilhete para a merendeira da escola.

Ao todo, foram 34 textos, dentre os quais 14 deles apresentavam algum tipo de segmentação não convencional, tanto a hipossegmentação quanto a hipersegmentação.

Obtivemos um total de 12 hipossegmentações e 18 hipersegmentações, totalizando 30 casos de segmentação não convencional.

Os casos de segmentação não convencional que demonstram sensibilidade quanto à percepção de **constituintes silábicos** () foram:

“v afredo” ao invés de “Valfredo” – o estudante hipersegmenta o nome, não preenchendo o onset da primeira sílaba “V”, separando-o do restante da palavra.

“ao ro i” ao invés de “arroz” – houve silabificação de todas as sílabas da palavra.

“de poi” (“depois”) – a consciência de palavras funcionais como a preposição “de” e a conjunção “pois” é notada quando a estudante hipersegmenta a palavra “depois”, mas no contexto o sentido é preservado.

“a te” (“até”) – neste exemplo, também nota-se a consciência de palavra funcional, “a”, sem perda de conteúdo semântico da palavra “até” no contexto em que foi produzida a hipersegmentação.

“BA NA NA” (“BANANA”) – todas as sílabas da palavra foram hipersegmentadas, o que nos leva a crer que o estudante soletrou na hora de escrever a palavra, por isso deu espaços em branco dando nova delimitação à palavra.

“BRO A” (“BROA”) – também se percebe que o estudante soletrou até separar a palavra em partes menores.

“ma ca RO” (“macarrão”) – houve silabificação também nesta ocorrência, além da ausência do dígrafo “rr”, indicando a complexidade para o escrevente da marcação de todos os constituintes de uma sílaba ramificada do tipo CCVV e ainda com diacrítico de nasalidade.

“pa qeca” (“panqueca”) – houve silabificação no processo de escrita de “panqueca”, além da ausência de marcador de nasalidade na coda da primeira sílaba. O dígrafo “qu” também sofreu alterações, provavelmente pela dificuldade em marcar todos os constituintes da sílaba do tipo CVV, construindo uma sílaba mais simples CV.

“miga u” (“mingau”) – separação da palavra com espaço em branco com aparente soletração no momento da escrita, ocasionando uma silabificação. Aqui, notamos também a ausência de marcador de nasal na coda silábica da primeira sílaba, formando, mais uma vez uma sílaba do tipo CV e não a que se esperava pela norma CVC.

Quanto à percepção de **pés métricos** (Σ) na escrita fora da convenção, temos: “com zinha” (“cozinha”) – a separação da primeira sílaba do restante da palavra formou um pé troqueu com acento à esquerda, padrão paroxítono da língua portuguesa. Além disso, nota-se a percepção da consciência lexical de palavra funcional, “com”.

“to mate” (“tomate”) – mais uma vez, um caso de formação de pé troqueu e percepção de palavras morfológicas, como “to” contração de “estou” e “mate” que pode ser tanto um nome como a forma do verbo “matar”. No entanto, a construção desta hipersegmentação não gera no contexto da escrita os sentidos atribuídos às palavras “to” e “mate”, mantendo o significado esperado, “tomate”.

“a macado” (“amassado”) – hipersegmentação com formação de pé troqueu e troca de grafema para marcar o que seria uma sílaba complexa do tipo CCV, ao invés de usar o dígrafo “ss” a estudante elege o grafema “c” que em outros contextos funciona como /s/.

Em relação à **palavra fonológica** (ω), encontramos os seguintes exemplos: “comacarrão” (“com macarrão”) – percebe-se, neste caso, que uma palavra funcional foi atada a uma palavra morfológica e perdeu sua coda de sílaba final, formando um novo acento à direita.

“iaju” (“e acho”) – a palavra funcional “e” junta-se ao verbo com acento e forma um vocábulo fonológico.

“sidizivove” (“se desenvolve”) – da mesma forma que o exemplo anterior, o clítico “se”, átono, ganha tonicidade quando atado à palavra “desenvolve”.

“DEFAZER” (“DE FAZER”) – esta construção apareceu em dois textos de estudantes diferentes. É mais um caso em que uma palavra funcional junta-se a uma com acento à direita e formam um único acento, ou seja, uma palavra fonológica, mesmo sendo duas palavras morfológicas.

“To bem” (“também”) – uma palavra morfológica torna-se fonológica através da segmentação para menos, além de percebermos que a estudante ativa sua consciência metalinguística para a percepção de palavras lexicais existentes na língua: “to” e “bem”, sem perda de conteúdo semântico da palavra “também” no contexto em que foi empregada.

As formações de **grupo clítico** (C) encontradas foram: “ANAPAUULA” (“ANA PAULA”) – duas palavras morfológicas atadas como uma só formaram um grupo clítico.

“ANTEREZINHA” (“SANTA TEREZINHA”) – houve perda do onset da primeira palavra morfológica que ficou na coda da sílaba final da palavra “escola”.

Como **sintagma fonológico** (ϕ), observamos as construções hipossegmentadas: “PROTUDO” (“POR TUDO”) – segmentação para mais indiciando a percepção de um constituinte acima do grupo clítico e “qero comer” (“quero comer”) – mais um caso de percepção de sintagma fonológico, devido à junção de constituintes a nível sintagmático.

A percepção de **sintagma entoacional** (I) foi detectada na construção hipossegmentada: “bodia” (“bom dia”) – é um exemplo claro de locução interjectiva, em que há uma marcação, no contexto, de pausa sintagmática decorrente da interjeição de saudação. Notamos que houve supressão da marcação da coda nasal “m” da palavra “bom”, mantendo o padrão silábico simples de CV na nova palavra formada, sem perda de material semântico.

Por fim, quanto ao **enunciado** (U), encontramos: “eugodu” (“eu gosto”); “eunão gosto” (“eu não gosto”) e “eunão” (“eu não”) – evidências de que os escreventes ainda não estabelecem os contornos usados para delimitar os espaços entre os constituintes de um enunciado.

5. CONCLUSÕES

A consciência metalinguística e a sensibilidade quanto à percepção de constituintes prosódicos, ao segmentar fora da convenção, são fatores influentes para o desenvolvimento da construção da escrita, na tentativa de chegar à norma ortográfica.

Constatamos a correlação entre os constituintes prosódicos, sílaba e pé métrico, com a consciência fonológica, mais fortemente; a consciência lexical e semântica presentes nas construções em que havia a formação de palavra fonológica e grupos clíticos; e a relação entre a consciência sintática nas construções hipo e hipersegmentadas que formaram os sintagmas, fonológico e entoacional, e o enunciado. Entretanto, isso não implica dizer que outras relações não possam ser estabelecidas.

Conhecer de que forma os estudantes da EJA constroem suas hipóteses, no momento em que estão elaborando seus textos, é fundamental para os professores desta modalidade da educação, de fato, façam suas intervenções com sentido e que possibilitem a evolução de novas etapas na aprendizagem da lectoescrita.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Dados de aquisição da escrita: considerações a respeito de indícios, hipóteses e provas. In: **Anais do ENAL/2006** (PUCRS). Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/proling/pdf/bernadete/bernadete02.pdf>>. Acesso em: 20 ago 2010.
- ABAURRE, Maria Bernadete Marques; SILVA, Ademar da. O Desenvolvimento de Critérios de Segmentação na Escrita. In: **Temas em Psicologia**, 1, São Paulo. 1993. p. 89-102
- BARRERA, Sylvia Domingos. Papel facilitador das habilidades metalingüísticas na aprendizagem da linguagem escrita. In: MALUF, Maria Regina (Org.). **Metalinguagem e aquisição da escrita**: contribuições para a prática da alfabetização. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003.
- BISOL, Leda. **Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica**. D.E.L.T.A., 20: Especial, 2004 (59-70). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v20nspe/24261.pdf>>. Acesso em: 10 out 2010.
- BOOIJ, G. Principles and parameters in prosodic phonology. **Linguistics**, 21: 249-280. 1983.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 10 out 2010.
- CÂMARA JR. José Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 1977.
- CÂMARA JR. José Mattoso. **Problemas de lingüística descritiva**. 5 ed. Petrópolis: Vozes. 1971.
- CÂMARA JR. Mattoso. **Expressão oral e escrita**. Rio de Janeiro: J. Ozon + Editor, 1961.
- CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. **Segmentação na escrita infantil**. São Paulo: Martins Fontes. 2007.
- CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes. 2004.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Leitura sem imagem: a interpretação dos fragmentos de um texto. In: FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINSZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. 2a. ed. e 2a. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras. p. 143-179. 1989.
- NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. **Prosodic Phonology**: with a new foreword. Berlin /New York: Mounton de Gruyter, 2007.

OLIVEIRA, Klebson. O lugar do branco na escrita de negros. Notas sobre segmentação gráfica em textos de africanos e afro-descendentes no Brasil do século XIX. In: **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)**. Madrid, 2005.

PEPERKAMP, S. **Prosodic Words**. HIL Dissertation 34. The Hague: Holand Academic Graphics. 1997.

SELKIRK, E. **Phonology and Syntax**. The Relation between Sound and Structure. Cambridge, MA: MIT Press, 1984.

SILVA, Ademar da. **Alfabetização: A escrita espontânea**. 2 ed. São Paulo: Contexto. 1994.

VIGÁRIO, M. C. **The prosodic Word in European Portuguese**. Dissertação de Doutorado. Faculdade de Letras, Lisboa, 2001.